



Papa Francisco: dimensão existencial da fé na dinâmica pastoral

Pope Francis: existential dimension of faith in pastoral dynamics

*Ademir Eing**

FACASC

*Rodrigo J. da Silva***

PUCRS

Recebido em: 21/03/2024. Aceito em: 01/10/2024.

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre o testemunho do Papa Francisco, que no exercício do ministério petrino, revela e resgata com gestos simples a dimensão existencial da fé na dinâmica pastoral. O Pontífice configura-se a Jesus Cristo ao assumir obedientemente o desígnio do Pai proposto pelo próprio Mestre de Nazaré. Viver a dimensão existencial da fé exige a superação do “mundanismo espiritual”; uma forma de pecado que frequentemente se traduz em clericalismo. Este artigo aborda o tema com base em alguns documentos e propõe como pistas de reflexão duas atitudes concretas: acolher e escutar. Os gestos da acolhida e da escuta propõem, segundo Francisco, um paradigma fundamentado em três passos: o resgate da espiritualidade que resulta do encontro com Jesus Cristo; o compromisso ministerial que pressupõe a igual dignidade de todos os batizados; por fim, a Igreja missionária, portadora da misericórdia. A natureza da Igreja é missionária; todo cristão é discípulo missionário. Esses aspectos têm o intento de iluminar a dinâmica pastoral e favorecer sua

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, Curitiba, PR, 2019). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália, 2006). Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC). Padre da Diocese de Tubarão.

E-mail: adeing@libero.it.

** Mestrado em Teologia Sistemática em curso pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Padre da Diocese de Tubarão e atualmente exerce de Coordenador Diocesano de Pastoral.

E-mail: rodrigoimarui@hotmail.com.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5841920736125058>.

ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0003-3980-4831>.



renovação, colocando no centro da missão o ser humano, de modo especial os mais sofridos e excluídos.

Palavras-chave: acolher; escutar; misericórdia; missão; pastoral.

Abstract: This article aims to reflect on the testimony of Pope Francis, who, in the exercise of his Petrine ministry, reveals and rescues with simple gestures the existential dimension of faith in pastoral dynamics. The pontiff configures himself to Jesus Christ by obediently assuming the Father's plan proposed by the Master of Nazareth himself. Living the existential dimension of faith requires overcoming "spiritual worldliness", a form of sin that often translates into clericalism. This article addresses the topic based on some documents and proposes two concrete attitudes as clues for reflection: welcoming and listening. The gestures of welcoming and listening propose, according to Francis, a paradigm based on three steps: the recovery of spirituality that results from the encounter with Jesus Christ; the ministerial commitment that presupposes the equal dignity of all baptized; finally, the missionary Church, bearer of mercy. The nature of the Church is missionary; every Christian is a missionary disciple. These aspects are intended to illuminate pastoral dynamics and favor its renewal, placing human beings at the center of the mission, especially those most suffering and excluded.

Keywords: *to welcome; to listen; compassion; mission; pastoral.*

1 Introdução

O Papa Francisco, desde 2013, ano em que assumiu a "Cátedra de Pedro", tem se mostrado solícito, de modo especial diante de uma realidade desafiadora que interpela a Igreja, o novo Povo de Deus, e que apresenta consequências nefastas na dinâmica pastoral. Francisco, no seu pontificado, tem falado e escrito de forma enfática em todas as oportunidades sobre a necessidade de a Igreja superar o "mundanismo espiritual", que tem como uma de suas consequências o clericalismo, e se abrir à dimensão missionária.

O Papa afirma que "o mundanismo espiritual [...] é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal" (Francisco, 2013a, p. 60; EG 93). As consequências do mundanismo espiritual manifestam-se na dinâmica pastoral, entre outros, de dois modos: primeiramente, ele leva a uma espiritualidade fundamentada no sentimentalismo, no qual o ministro ordenado é visto como o "ungido" que detém a autoridade e o poder de operar milagres e curas; a segunda consequência pastoral do mundanismo espiritual é um rígido legalismo, que frisa a necessidade da observância das leis, sobretudo litúrgicas, como ensinadas pelo clero. Burocratiza-se, assim, a experiência do encontro com Jesus Cristo. Essas duas consequências do mundanismo espiritual



fomentam o clericalismo, que vê o clero como a “casta” daqueles que detém o conhecimento e da qual poucos têm a possibilidade de participar.

Diante dessa tendência que relega a fé ao âmbito privado dos sentimentos individuais, este artigo tem como objetivo evidenciar que, no exercício do seu ministério, Francisco resgata a dimensão existencial da fé, na dinâmica pastoral. Esse objetivo dá luz ao título do artigo: Papa Francisco: dimensão existencial da fé na dinâmica pastoral.

A proposta do Papa é tornar a Igreja o lugar, o oásis da misericórdia, onde as pessoas se sintam acolhidas e amadas a partir da própria realidade histórica. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (Costa 2007a, p. 539). Os sentimentos dos fiéis discípulos missionários de Cristo são provocados a se identificarem aos sentimentos do Mestre.

2 A sensibilidade de Francisco

No dia 13 de março de 2013, no segundo dia do conclave, da chaminé da Capela Sistina, a fumaça branca anunciava o novo Papa. Depois de alguns minutos, da sacada central da Basílica de São Pedro, a voz do Cardeal Protodiácono Jean-Louis Tauran irrompe o silêncio: “Anuncio-vos uma grande alegria: Temos um Papa.”¹ Aos 76 anos de idade, o Cardeal de Buenos Aires, Mario Jorge Bergoglio, tornou-se o primeiro Papa latino-americano.

Um Papa vindo da periferia do mundo escolhe o nome de Francisco. “Sua eleição parece evocar aquela visão de oito séculos atrás: vai Francisco, e restaura a minha Igreja em ruínas. Sua missão, outorgada pelos cardeais eleitores é a de mudar a arranhada imagem da Igreja” (Souza, 2016, p. 192). Sendo assim, o Papa Francisco assumiu a missão desafiadora de resgatar a credibilidade da Igreja, abalada por diversos escândalos.

O Pontífice é forjado a partir da realidade latino-americana, filho de um contexto eclesial que buscou encarnar o Concílio Vaticano II à prática pastoral. “No pós-concílio os latino-americanos ergueram a cabeça e quiseram pensar por si mesmos, em poucas palavras, ensaiaram

¹ *Annuntio vobis gaudium magnum; habemus papam.*



sua maioria” (Costadoat, 2017). Desse contexto latino, de alegrias e tristezas experienciadas pelo Povo de Deus, emana a sensibilidade pastoral de Francisco e os aspectos de sua eclesiologia.

A eclesiologia de Francisco é simbolizada pela imagem da mulher, “a Igreja é mulher e quando pensamos no papel da mulher na Igreja devemos remontar a esta fonte: Maria, mãe. E a Igreja é mulher porque é mãe, pois é capaz de dar à luz filhos” (Francisco, 2018 a). A partir dessa imagem, percebe-se a missão da Igreja no mundo, na sociedade e na vida das pessoas. A mãe gera, protege e acompanha! A Igreja precisa, assim como a mãe, gerar, proteger e acompanhar os filhos até a maturidade, levando-os ao amadurecimento da fé: processo que leva a vida inteira. Segundo o Papa, “uma Igreja que é mãe anda pelo caminho da ternura; conhece a linguagem da grande sabedoria das carícias, do silêncio, do olhar de compaixão” (Francisco, 2018 a).

A sensibilidade faz com que Francisco se torne humano; desmistifica protótipos e arquétipos preestabelecidos referentes à pessoa do Papa e sua missão. O Pontífice humaniza com seus gestos simples e cheios de carinho, manifesta ternura, amor e misericórdia. Um Papa homem, igual a todos os homens, alguém que necessita de orações e bênçãos para exercer com alegria, fidelidade e amor o ministério que lhe foi confiado. Ele é um verdadeiro Pastor que deseja estar próximo do rebanho e que reconhece seu intrínseco valor.

No ano de 2013, o Pontífice, em sua primeira saudação à multidão que aguardava o novo Papa na praça de São Pedro, diz: “E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade” (Francisco, 2013b). Terminando a saudação, naquela noite, Francisco surpreende a multidão dos católicos presentes na praça e daqueles que acompanhavam pelos meios de comunicação. O Papa, humildemente, inclina-se. O Pastor põe-se diante do Rebanho e pede orações e bênçãos. “E agora quero dar a Bênção, mas antes... antes, peço-vos um favor: antes de o Bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que me abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a Bênção para o seu Bispo. Façamos em silêncio esta oração vossa por mim” (Francisco, 2013b).

A sensibilidade de Francisco leva a dois gestos que humanizam e são relevantes em seu ministério, ou seja, no seu pastoreio. O Papa acolhe com ternura e leveza, ao mesmo tempo, escuta e valoriza. Escutar e



acolher, duas atitudes que levam e manifestam misericórdia, pressuposto de quem ama e sente-se amado por Deus. A partir dessa dinâmica simples, Francisco desafia os cristãos a resgatarem a alegria do Evangelho, “que enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (Francisco, 2013a, p. 7; EG 1).

3 Acolher é um ato de misericórdia

Francisco é o homem da acolhida. Desde o início do Pontificado, Francisco mostra-se um homem aberto e terno, disposto a superar os elementos que não são essenciais na vida da Igreja e que muitas vezes rompem a comunhão. A missão de Jesus tem o objetivo de tornar o Reino de Deus conhecido e aceito. A *Lumen Gentium* diz que “o reino se manifesta na própria pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio ‘para servir e dar a sua vida em resgate por muitos’” (Costa, 2007b, p.105). O Evangelho de Marcos narra que “depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo’” (Bíblia, 2003, p. 1760; Mc 1,14-15). Igreja “recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste reino” (Costa, 2007b, p. 105). Sendo assim, a Igreja é presença visível e temporal do Reino de Deus no mundo, na sociedade, na vida daqueles que acolhem. A porta de entrada na vida da Igreja é o sacramento do batismo, foi esta a missão dada por Jesus: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Bíblia 2003, p. 1758; Mt 28,19-20).

Acolher é um gesto intrínseco à vida eclesial, faz parte do processo de expansão do Reino de Deus. Aceitar o batismo requer conhecer quem é Jesus e encantar-se pela Sua vida. Portanto, a Igreja precisa ser mestra da acolhida. A fé é fruto de uma experiência, antes de tudo, existencial. Acolher é um ato de misericórdia. Acolher expande o coração. Só sabe acolher quem descobriu o verdadeiro sentido do Amor, ou seja, de Deus. “Deus é amor” (Bíblia, 2003, p. 2131; 1Jo 4,8).

Eclesiologia, cristologia, pneumatologia, teologia espiritual, amor à Igreja e aos irmãos fundem-se em Francisco e tornam-se, de modo explícito, gestos de acolhida. O Papa é mestre da acolhida, homem aberto ao encontro, ávido pela realidade da pessoa humana de forma integral, assim como Jesus. Ontologicamente, Francisco encarna a missão



assumida em comunhão com Jesus Cristo e a Igreja. Não há dicotomia. Essa realidade pode ser percebida no exercício do seu ministério, por meio dos documentos do seu magistério, de modo especial na *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia*, *Laudato Si*.

3.1 *Evangelii Gaudium*

O Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) desafia a Igreja a encontrar novas respostas diante dos desafios vigentes e buscar, sem medo, uma renovação pastoral. Essa proposta de Francisco tem como inspiração o texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, encontro realizado em 2007, no Brasil, na cidade de Aparecida.

Na *Evangelii Gaudium* o Papa diz:

Além disso, é necessário reconhecer que, se uma parte do nosso povo batizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos. Em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização (Francisco, 2013a, p. 44; EG 63).

É necessário “que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento dum mundo novo” (Francisco, 2013a, p. 161; EG288) Francisco sonha a Igreja como uma casa de acolhida, lugar onde todos deveriam sentir-se amados. As pessoas estão feridas, solitárias e muitas vezes sentem-se abandonadas, por isso necessitam encontrar um lugar de paz que as restaure. Vale lembrar que “Deus ama a humanidade. Foi por isso que Ele se tornou humano: para acolher toda humanidade em seus braços” (Nouwen, 2023, p. 227). “A casa, enquanto espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados de encontro e do diálogo de Jesus e seus seguidores” (CNBB, 2019, p. 47; Doc. 109).

Faz-se relevante destacar que na *Evangelii Gaudium* o verbo acolher apresenta um movimento duplo de abertura e saída. Abertura para acolher bem os que se aproximam. O Papa diz: “Se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza de uma porta fechada” (Francisco, 2013a, p. 33; EG 47). Mas, os que já estão dentro precisam sair ao encontro, romper a



inércia e o comodismo. A experiência de fé faz aventurar-se “em direção aos outros para chegar às periferias humanas... Muitas vezes, é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho” (Francisco, 2013a, p. 33; EG 46). Neste duplo movimento, Francisco exorta à dimensão missionária.

A Igreja em saída, em uma perspectiva missionária, é uma Igreja que acolhe! Quem são os que precisam ser acolhidos, segundo a *Evangelii Gaudium*? A partir de Jesus Cristo, a figura paradigmática, o Papa desafia a acolher com misericórdia a todos. “Na misericórdia, Deus não abandona ninguém; oferece a cada qual uma nova oportunidade e um novo começo, se houver disposição para mudar de vida e orar por isso” (Kasper, 2015a, p. 49). De acordo com Francisco, as seguintes realidades deveriam inquietar e gerar gestos de acolhida: as famílias daqueles que estão nas catequeses sacramentais e que não participam; os jovens; as mulheres; os pobres; os imigrantes; os marginalizados; as pessoas que vivem em situação de rua; dependentes químicos; os que fazem uma opção de gênero; os enfermos; os idosos; os não crentes; os irmãos de outras religiões e de outras igrejas; os que buscam os sacramentos em situações de irregularidades documentais... Todos! “A misericórdia é a justiça própria de Deus, não condena o pecador desejoso de conversão, mas justifica-o” (Kasper, 2015a, p. 49). Na *Evangelii Gaudium*, o Papa escreve: “A Igreja, porém, não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (Francisco, 2013a, p. 33; EG 47).

3.2 *Amoris Laetitia*

No dia 19 de março, solenidade de São José, do ano de 2016, o Papa Francisco publica a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (AL). Logo no início do documento, o Pontífice faz referência aos inúmeros sinais de crise vivida pelas famílias, de modo especial na vivência do sacramento do matrimônio. Mesmo diante dessa realidade desafiadora, Francisco afirma que “o desejo de família permanece vivo, especialmente entre os jovens, e isto incentiva a Igreja. Como resposta a esse anseio, o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia” (Francisco, 2016, p. 1; AL 1).



Amoris Laetitia é um belo documento que, para além dos aspectos doutrinários e teológicos, apresenta elementos existenciais, frutos da experiência de vida familiar do próprio Papa. Acolher com misericórdia e revelar o amor infinito de Jesus às famílias, aos casais são desafios latentes em relação ao binômio: Igreja – Família, Família – Igreja. Neste sentido Francisco exorta:

O nosso ensinamento sobre o matrimônio e a família não pode deixar de se inspirar e transfigurar à luz deste anúncio de amor e ternura, se não quiser tornar-se mera defesa duma doutrina fria e sem vida. Com efeito, o próprio mistério da família cristã só se pode compreender plenamente à luz do amor infinito do Pai, que se manifestou em Cristo entregue até ao fim e vivo entre nós. Por isso, quero contemplar Cristo vivo que está presente em tantas histórias de amor e invocar o fogo do Espírito sobre todas as famílias do mundo (Francisco, 2016, p. 19-20; AL 59).

Jesus Cristo é o paradigma à vida matrimonial. O Homem de Nazaré teve sabedoria divina para falar das exigências do Reino de Deus de forma simples, leve e encantadora. Nesta direção, o Pontífice apresentou as

contribuições prestadas pelos Padres sinodais nas suas considerações acerca da luz que a fé nos oferece. Eles partiram do olhar de Jesus, dizendo que Ele ‘olhou para as mulheres e os homens que encontrou com amor e ternura, acompanhando os seus passos com verdade, paciência e misericórdia, ao anunciar as exigências do Reino de Deus’ (Francisco, 2016, p. 20; AL 60).

A partir da realidade desafiadora, a referência é Jesus, pois Ele é quem ilumina e inspira. “Os Padres disseram que uma das maiores pobreza da cultura atual é a solidão, fruto da ausência de Deus na vida das pessoas e da fragilidade das relações” (Francisco, 2016, p. 14; AL 43). Francisco escreve a *Amoris Laetitia* a partir de Jesus Cristo, sendo assim, o desafio pastoral que está novamente voltado à capacidade de acolher.

O Papa propõe aos pastores uma boa preparação para acolher bem os casais que estão dispostos a assumirem o sacramento do matrimônio. Acolher bem para encantá-los e para aproximá-los do mistério de Jesus e da Igreja. A dinâmica é simples e necessária para as pastorais que assumem a missão de trabalhar com as famílias e na preparação dos casais: acolher, encantar, formar e enviar. Os casais bem preparados formarão boas famílias e acolherão com alegria os frutos da vida matrimonial, que



são os filhos. Mas caso “uma criança chega ao mundo em circunstâncias não desejadas, os pais ou os outros membros da família devem fazer todo o possível para aceitá-la como dom de Deus e assumir a responsabilidade de a acolher com magnanimidade e carinho” (Francisco, 2016, p. 51; AL 166). *Amoris Laetitia* desafia os batizados a resgatar o valor da família, da família cristã, da família que faz uma experiência com o Amor Maior e que assume o compromisso do testemunho.

Francisco desafia a alargar a compreensão de família, acolhendo os que estão próximos, mas também erguendo os olhos e tornando-se sensível aos que vivem algum tipo de sofrimento. Para isso, o Papa diz que é necessário um coração grande, “além do círculo pequeno formado pelos cônjuges e seus filhos, temos a família alargada, que não pode ser ignorada” (Francisco, 2016, p. 20; AL 196). Aqui Francisco refere-se ao sogro, à sogra, aos parentes mais próximos, mas, com um olhar de solicitude, essa família alargada também se expande para além dos laços parentais.

Esta família alargada deveria acolher, com tanto amor, as mães solteiras, as crianças sem pais, as mulheres abandonadas que devem continuar a educação dos seus filhos, as pessoas deficientes que requerem muito carinho e proximidade, os jovens que lutam contra uma dependência, as pessoas solteiras, separadas ou viúvas que sofrem a solidão, os idosos e os doentes que não recebem o apoio dos seus filhos, até incluir no seio dela mesmo os mais desastrosos nos comportamentos da sua vida (Francisco, 2016, p. 61; AL 197).

Após a Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, Portugal, o Papa, na coletiva de imprensa realizada no avião, quando do seu retorno a Roma, no dia 06 de agosto de 2023, reitera que a Igreja deve estar aberta a todos! Francisco frisou que acolher a todos inclui as pessoas LGBTQI e todos os grupos de marginalizados. “O Senhor é claro, disse o papa ao refletir sobre quem é bem-vindo na Igreja: Os doentes, os idosos, os jovens, os velhos, os feios, os bonitos, os bons e os maus” (Francisco *apud* White, 2023). A Igreja, quando acolhe de forma concreta, está manifestando a misericórdia divina de Deus, que quer a vida. “Desde a fidelidade à aliança com seu povo, Deus, movido pela misericórdia, restabelece a relação destruída pelo pecado e concede novas e fiáveis relações de vida. A misericórdia é a opção de Deus pela vida” (Kasper, 2015b, p. 75).



4 A arte de escutar

Acolher é um ato de misericórdia que renova a vida e restitui a alegria perdida. Como afirma Walter Kasper (2015a, p. 40) “a alegria do Evangelho pode novamente suscitar a alegria de viver, a alegria na criação, na fé e na Igreja”. Na dinâmica pastoral, o discípulo missionário é o responsável primeiro pelo processo de acolher e escutar. O Documento de Aparecida diz que é compromisso de todos os membros da comunidade “sair ao encontro dos afastados, interessar-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a retornarem para ela” (CELAM, 2007, p. 107; n. 226).

A Igreja em saída, que tem como referência o testemunho materno, que acolhe com misericórdia, precisa comprometer-se com a escuta. O ato de escutar é um exercício que exige uma identidade amadurecida. Aqui está o desafio, o ponto nevrálgico da dinâmica pastoral. Para se chegar a uma identidade amadurecida é necessária uma pessoa humana aberta, capaz de desconstruir-se e se reconstruir; que tenha consciência de si mesma; que busque o equilíbrio; que seja segura e que, ao mesmo tempo, tenha capacidade de dialogar; que se questione a partir da fé; que ame a Igreja e seja sensível aos apelos dos mais frágeis e vulneráveis da sociedade.

O ato de escutar recupera a dignidade da pessoa humana que, muitas vezes, perde-se diante dos sofrimentos e das adversidades da vida. Sendo assim, faz-se relevante lembrar os primeiros interlocutores do Reino de Deus, quando Jesus se dispõe a escutar Levi, que era considerado indigno para o sistema religioso da época. Jesus diz: “Não são os que têm saúde que precisam de médicos, e sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar os justos, mas pecadores” (Bíblia, 2003, p. 1719; Mt 9,12-13).

A solidão, o desprezo, o sofrimento e a incapacidade de tornar-se útil geram a perda de sentido e, como consequência, a apatia diante da missão. O fazer depende do ser. Caso o ser esteja adoentado, o fazer fica condicionado. Jesus antes de confiar qualquer missão aos seus seguidores, restabelecia a humanidade a partir da escuta. O homem de Nazaré conseguia escutar o que as pessoas tinham de mais precioso, o coração. Uma escuta silenciosa, acolhedora, atenta e propositiva. O Papa Francisco “lembra que a escuta corresponde ao estilo humilde de Deus, que



reconhece o ser humano como seu interlocutor e lhe dá ouvidos. Deus ama o ser humano: por isso inclina o ouvido para o escutar” (Francisco *apud* Sbardelotto, 2002). Escutar é comprometer-se com a empatia e a alteridade, colocando-se no lugar do outro com responsabilidade.

A Igreja que acolhe precisa ter coragem para escutar! Escutar é deixar o outro falar as suas verdades que, muitas vezes, podem ferir ou machucar, por isso, a importância da maturidade humana. A Igreja precisa deixar ressoar as vozes que hoje gritam pedindo socorro; gritos semelhantes ao de Jesus na Cruz, que se sente abandonado, fragilizado. “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Bíblia, 2003, p. 1756; Mt 27,46). Diante dessa missão, faz-se necessário questionar se a dinâmica pastoral da Igreja tem estado atenta aos gritos daqueles que estão excluídos da comunidade de fé? Quais ações pastorais estão sendo realizadas para incluir e resgatar a dignidade dos que estão submersos no pecado? As minorias e as comunidades de gênero estão sendo ouvidas? Um dos desafios da dinâmica pastoral é a sensibilidade aos sinais do tempo.

4.1 Francisco: escutar a criação

O Papa Francisco interpela a Igreja a escutar, mas a escuta vai além das pessoas e dos sinais do tempo. Na Carta Encíclica *Laudato Si*, o Pontífice desafia os cristãos e as pessoas de boa vontade a escutarem os gemidos da natureza, que sofre as consequências da má gestão humana (Francisco, 2015). O Pontífice, em sua Mensagem para o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, diz que há “uma espécie de dissonância na voz da criação. Por um lado, é um canto doce que louva o nosso amado Criador; por outro, é um grito amargo que se lamenta dos nossos maus-tratos humanos” (Francisco, 2022).

Na *Laudato Si* o Papa reitera a urgência e a necessidade de ações responsáveis referentes à Casa Comum.

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum (Francisco, 2015, p. 16; n. 13).



A Casa Comum é reflexo do amor de Deus. À luz da fé, a Igreja precisa iluminar essa realidade. “O universo não apareceu como resultado duma onipotência arbitrária, de uma demonstração de força ou de um desejo de autoafirmação. A criação pertence à ordem do amor” (Francisco, 2015, p. 51; n. 77). Sendo assim, é compromisso, de modo especial dos cristãos, não ferirem a revelação natural do Amor Maior, Deus: escutar. A missão da Igreja é abrir os ouvidos. Deixar-se interpelar. “Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece” (Francisco, 2015, p. 52; n. 79). A mesma solicitude empática referente à alteridade necessita desenvolver-se e amadurecer com a criação.

A natureza grita, afirma Francisco (2022):

Primeiro, é a irmã Mãe Terra que grita. À mercê dos nossos excessos consumistas, geme implorando para pararmos com os nossos abusos e a sua destruição. Depois gritam as diversas criaturas... Mas gritam também os mais pobres entre nós. Expostos à crise climática, sofrem mais severamente o impacto de secas, inundações, furacões e vagas de calor que se vão tornando cada vez mais intensas e frequentes. E gritam ainda os nossos irmãos e irmãs de povos indígenas. Por causa de predatórios interesses econômicos, os seus territórios ancestrais são invadidos e devastados por todo o lado... Enfim gritam os nossos filhos. Ameaçados por um egoísmo míope, os adolescentes pedem-nos ansiosamente, a nós adultos, que façamos todo o possível para prevenir ou pelo menos limitar o colapso dos ecossistemas do nosso planeta.

A arte desafiadora da escuta leva ao diálogo responsável e maduro. Nessa dinâmica, encontra-se a missão da Igreja: comprometer-se com respostas concretas. A escuta deve incidir na dinâmica pastoral, ou seja, novas respostas e atitudes precisam ser dadas aos desafios atuais. Assim, a partir da acolhida e da escuta, abre-se a possibilidade da pastoral como um caminho, um horizonte visível da fraternidade universal.

5 Conclusão

Acolher e escutar, dois verbos que expressam a missão da Igreja em tempos hodiernos e tornam-se paradigmas para a dinâmica pastoral na perspectiva de renovação. Pensar a ação pastoral a partir da acolhida e da escuta é comprometer-se com a superação do mundanismo espiritual, pois



a alteridade é colocada no centro da ação evangelizadora. Deste modo, Francisco afirma, na *Gaudete et Exsultate*, que “não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço” (Francisco, 2018, p. 8; n. 26). Tudo pode ser recebido e integrado como parte da própria existência no mundo, entretanto os diversos aspectos da vida e suas dimensões podem relacionar-se ao caminho de santificação. O cristão é desafiado a viver a contemplação mesmo no meio da ação e santificar-se no exercício responsável e generoso da missão.

O primeiro passo de superação do mundanismo espiritual é o encontro com Jesus Cristo. A capacidade de deixar-se transformar pelo Mestre. “Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade” (Francisco, 2013a, p. 11; n. 8). O encontro gera a consciência da missão; o encontro que extrapola o coração e gera o compromisso; o encontro faz a Igreja.

O Documento de Aparecida desafia a Igreja e propõe a renovação pastoral, tema desenvolvido pelo Papa exaustivamente em seus escritos e documentos. A renovação pastoral é resgatar a Igreja de Jesus Cristo. Superar as mazelas, frutos da contingência humana, a partir do encontro com Jesus, ou seja, resgatando a espiritualidade, claro, sem cair nos espiritualismos. “Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino”(CELAM, 2023, p. 13).

Jesus é uma experiência que transforma. A transformação acontece a partir do movimento “*ad intra*” e “*ad extra*”, ou seja, envolve os aspectos da subjetividade e da objetividade – eu e o outro/pessoa e comunidade. Humanizar, a partir da espiritualidade, todos aqueles que exercem ministérios na vida da Igreja e que se comprometem com o Reino de Deus. Quando os cristãos não são humanizados, as experiências pastorais desumanizam e criam protótipos que não condizem com a experiência de fé amadurecida que brota de Jesus de Nazaré e prolonga-se na Igreja.

O segundo passo de superação, agora como consequência do encontro, é o compromisso ministerial. “Francisco espera também que ‘o Espírito do Senhor ressuscitado nos sacuda da apatia e nos doe simpatia e empatia, para vivermos regenerados cada dia como filhos de Deus Amor e, por sua vez, sermos geradores no amor’” (Di Bussolo, 2023).



Assim, o referido autor acentua as palavras do Papa, no sentido da Igreja torna-se capaz “de levar a vida a todos os lugares, especialmente onde há exclusão e exploração, indigência e morte. Para que os espaços de amor se alarguem e Deus reine cada vez mais neste mundo” (Francisco *apud* Di Bussolo, 2023). O serviço precisa ter como pressuposto a misericórdia, possibilitando que todos se sintam dignos.

Há uma igualdade fundamental ligada ao Batismo que, torna todos filhos de Deus, concebendo uma dignidade insuperável. Todos somos igualmente filhos de Deus e nada supera isso. Mas, há, sim, uma desigualdade funcional. Toda a Igreja é ministerial, em senso lato. Mas o modo de exercer essa ministerialidade é diferente. Tanto o que recebeu cinco, quanto o que recebeu dois talentos foi chamado “servo bom e fiel” e convidado: “vem participar da minha alegria” (Bíblia, 2003, p. 1749-1750; Mt 25,14-30). Ou seja, a salvação não depende do quanto de responsabilidade na missão cada um recebe, mas do comprometimento de cada um com a parte que lhe toca na missão. Contudo, alguns recebem cinco, outros dois e outros ainda apenas um talento.

Segundo Francisco, o terceiro passo é a missionariedade da Igreja, pois ela é a portadora da misericórdia, de modo que as pessoas sejam acolhidas, escutadas e valorizadas. De forma simples, Francisco propõe a superação do legalismo, do autoritarismo e do moralismo. O Papa afirma: “É aberrante pensar em difundir o cristianismo exercendo arrogância como indivíduos e através dos aparatos. Por essa razão a Igreja não pode ser um dogma espiritual, e não se devem adicionar pesos inúteis...” (Francisco *apud* Agasso, 2020). O discípulo missionário precisa tocar na carne humana e sentir-se impelido em oferecer a proposta do Senhor: “O Reino de Deus está próximo de vós” (Bíblia, 2003, p. 1807; Lc 10,9). Converti-vos!

Na praça de São Pedro, domingo, dia 17 de março de 2013, alguns dias após ser eleito pontífice, no “*Angelus*”, Francisco traz uma reflexão sobre o Evangelho do quinto Domingo da Quaresma, a perícopé da “Mulher Adúltera” (Bíblia, 2003, p. 1862-1863; Jo 8,1-11). O Papa diz: “Impressiona o comportamento de Jesus: não ouvimos palavras de desprezo, não ouvimos palavras de condenação, mas apenas palavras de amor, de misericórdia, que convidam à conversão” (Francisco, 2013c).

O Papa Francisco afirma que “o rosto de Deus é o de um pai misericordioso, que sempre tem paciência” (Francisco, 2013c). Segundo o Cardeal Walter Kasper, a misericórdia torna o mundo mais humano,



menos frio, mais fraterno e justo. A misericórdia de Deus é revelada de forma plena na Bíblia, de modo especial no Novo Testamento, a partir dos gestos e das ações de Jesus Cristo; o Homem de Nazaré sente compaixão e vai ao encontro de todos com o coração aberto, sem julgá-los e sem condená-los. Jesus, de maneira relevante, compadece-se dos pobres, dos enfermos, dos marginalizados, das mulheres, dos pecadores. Em Nazaré, “Jesus viu a realidade sofrida de seu povo, as injustiças, o desemprego, o abandono e a exclusão dos enfermos, considerados impuros” (Codina, 2010, p. 70).

Os principais escritos do atual pontífice remetem, pois, à ação pastoral encarnada na concretude da existência humana. Evidencia-se, desse modo, que, no exercício do seu ministério, Francisco resgata a dimensão existencial da fé, na dinâmica pastoral. O artigo não teve a pretensão de elencar ações concretas, mas favorecer a reflexão de alguns elementos que podem iluminar a ação pastoral. Como pensar a ação pastoral a partir desses elementos existenciais? Quais iniciativas poderiam ser realizadas nas paróquias e nas comunidades? Como trazer de forma concreta a espiritualidade, o serviço e a misericórdia a partir da acolhida e da escuta? Francisco dá o testemunho, o desafio é aterrizar-lo nas dioceses por meio dos Planos Diocesanos de Pastoral.

Referências

AGASSO, Domenico. *Papa Francisco: a missão não é “autopromoção” dos sistemas eclesiais*. São Leopoldo: Site, 22 de maio 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/599229-papa-francisco-a-missao-nao-e-autopromocao-dos-sistemas-eclesiais>. Acesso em: 17 out. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CELAM. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/20886219/Documento-de-Aparecida-em-portugues>. Acesso em: 6 out. 2023.

CODINA, Victor. *Uma Igreja nazarena: teología desde los insignificantes*. Espanha: Sal Terrae, 2010. Kindle.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 109).

COSTADOAT, Jorge. *Um Papa latino-americano*. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/570672-um-papa-latino-americano-artigo-do-teologo-jorge-costadoat>. Acesso em: 27 set. 2023.

DI BUSSOLO, Alessandro. *Francisco: não existe vocação sem missão junto aos últimos*. Tradução de Luisa Rabolini. São Leopoldo: Site, 27 de abril 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/628196-francisco-nao-existe-vocacao-sem-missao-junto-aos-ultimos>. Acesso em: 17 out. 2023.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço. (Coord. Geral). Documentos da Igreja. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007a. p. 539-661.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço. (Coord. Geral). Documentos da Igreja. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007b. p. 101-197.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013a.

FRANCISCO, Papa. *Primeira saudação do Papa Francisco*. Vaticano: Site, 13 de março 2013b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 29 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Angelus*. Vaticano: Site, 17 de março de 2013c. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html. Acesso em: 27 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da Casa do Comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*. Vaticano: Site, 19 de março 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 3 out. 2023



FRANCISCO, Papa. *A Igreja é mulher e mãe*. Vaticano: Site, 21 de maio de 2018a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html. Acesso em: 27 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre a chamada à santidade no mundo atual*. Vaticano: Site, 19 de março 2018b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.pdf. Acesso em: 13 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Escuta a voz da criação*. Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação. São Leopoldo: Site, 22 de julho 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620621-escuta-a-voz-da-criacao-mensagem-do-papa-francisco-para-o-dia-mundial-de-oracao-pelo-cuidado-da-criacao>. Acesso em: 10 out. 2023.

KASPER, Walter. *Papa Francisco a revolução misericórdia e do amor*. Prior Velho: Paulinas, 2015a.

KASPER, Walter. *A Misericórdia*. Condições fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. São Paulo: Loyola, 2015b.

NOUWEN, Henri. *Comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2023.

SBARDELOTTO, Moisés. *A força transformadora da escuta hospitaleira e convivial*. São Leopoldo: Site, 27 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618992-a-forca-transformadora-de-uma-escuta-hospitaleira-e-convivial>. Acesso em: 10 out. 2023.

SOUZA, Ney. A Igreja herdada pelo Papa Francisco, um estudo histórico. *Revista de Cultura Teológica*, PUC-SP, n. 88, p. 173-196, jul./dez. 2016.

WHITE, Christopher. *Papa reforça a mensagem de que a igreja está aberta a todos, incluindo pessoas e mulheres LGBTQ*. National Catholic Reporter, 06 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631177-papa-reforca-a-mensagem-de-que-a-igreja-esta-aberta-a-todos-incluindo-pessoas-e-mulheres-lgbtq>. Acesso em: 4 out. 2023.